

Educação já!

20 FEV 1993

RUY BRETTAS

JORNAL DE BRASÍLIA

O Movimento pela Ética na Política promoveu, recentemente, no auditório do Conselho Federal da OAB, um encontro de avaliação do movimento, após o impeachment do presidente Collor.

O prof. Cristovam Buarque, da UnB, propôs, na oportunidade, a reorganização das forças que foram capazes de levar adiante o impeachment do presidente aqui instalado sob o signo da chamada "República de Alagoas". O movimento agora se voltaria para aquilo que ele chamou de uma nova utopia (a primeira, viu-se, conseguiu realizar-se), sob nova motivação: "Educação Já".

A mim me parece que melhor causa não existiria no momento do que reorganizar a sociedade brasileira para a concretização dessa nova utopia, capaz de reverter a crítica situação em que vive o País, de longa data, e que já comprometeu o tecido social, pelo analfabetismo, pelo desvio de comportamento (imoralidade, corrupção, violência) e pela deseducação do povo brasileiro.

É por demais sabido e proclamado que nenhuma nação consegue desenvolver-se e progredir (no bom sentido) senão através do investimento maciço na educação por algumas décadas. É sabido e proclamado, mas não realizado ainda no Brasil, não se sabe por quê.

Através da educação haveríamos primeiramente de tirar os chamados "meninos de rua" da sua

ociosidade, que leva a toda sorte de deformação e perversão.

Quando do lançamento, em 1990, do livro do jornalista Gilberto Dimenstein, intitulado "A Guerra dos Meninos", ouvi de um dos oradores presentes apelo no sentido de salvarmos as próximas gerações, porque estudo sério realizado a respeito teria demonstrado que a atual juventude já estaria perdida. Triste revelação!

Voltemos ao assunto do Movimento pela Ética na Política. Temos conhecimento de outro movimento para dar seqüência à proposta do prof. Cristovam, mas apenas alguns professores e segmentos sociais estão discutindo o assunto, num esforço isolado, o qual até agora não atingiu as ruas e nem outras instituições importantes.

Na verdade, a população brasileira de regra só desencadeia ações quando levada pelas emoções, em especial quando despertada pela mídia, ou então por interesses políticos e econômicos.

Aí estão, para confirmar a assertiva, os novos lances emocionais acerca da pena de morte, do ressurgimento do Fusca, da Reforma Fiscal, do plebiscito sobre forma e sistema de governo, cada qual, e a seu tempo, ocupando espaço nos veículos de comunicação social.

Tudo isso, mais o arrefecimento do Movimento pela Ética, congelou (ou sepultou) a luta do brasileiro por ela, como também por outras questões igualmente sérias.

Imaginei eu, logo de início,

quão forte e belo seria o engajamento dos "caras-pintadas" na luta pela "Educação Já". Todos eles, jovens ainda, haveriam de marcar novo tanto na luta para retirar o Brasil do Terceiro Mundo (ou do submundo) em que estamos nos chafurdando, mundo esse que eles, jovens, estão começando a entender e também a gerenciar.

Só a mídia, com efeito, e em especial a TV, poderia motivar esse novo movimento. Ela que, nos termos da Constituição Federal, sendo concessionária do Poder Público, tem o dever de dar "preferência a finalidades educativas" (art. 221).

Pela educação haveríamos ainda de reformular inúmeros programas de televisão, de caráter essencialmente mundano, sem compromisso com a ética e a moral e, pois, deseducadores e maledicentes — alguns até imundos — elaborados e apresentados em nome de uma "arte", de um "entretenimento" e de uma "liberdade" que na verdade estão nos destruindo, como recentemente denunciou Dom Lucas Neves, cardeal-arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil.

Estamos realmente vivendo muito com base na desinformação, na deseducação, e também de mentiras. Estamos, sobretudo, vivendo de ilusões e conflitos mal administrados, que só nos têm levado ao descaminho, sob as mais variadas formas.

Estou sendo pessimista?

■ Ruy Brettas é membro da Comissão de Justiça e Paz de Brasília